

# Fascismo e grande capital

DANIEL GUÉRIN

*Campinas: Editora da Unicamp, 2021. 328p.*

*Arthur Salomão\**

Resenhar um clássico não é tarefa simples. A envergadura da obra, a abundância de teses, o contexto e o espaço restrito foram alguns desafios enfrentados para descrever e analisar *Fascismo e grande capital*, do escritor francês Daniel Guérin. Publicado pela primeira vez em 1936 e traduzido em seguida para diversas línguas, o livro ainda não havia sido editado em português. Agora, os leitores poderão contar com esta obra clássica na relevante Coleção Marx 21, da Editora da Unicamp.

A história do livro é ímpar. Instigado por amigos a combater o fascismo pesquisando-o, Guérin viaja duas vezes para a Alemanha a fim de relatar os movimentos operários e viver *in loco* a ascensão do nazismo. O resultado da jornada, para além de artigos de jornal, foi um surpreendente relato de viagem, quase como uma espécie de diário minucioso, atento ao desenvolvimento do fascismo na Itália e na Alemanha. Ao retornar, Guérin amadureceu seus argumentos e, aperfeiçoando seu enorme material, deu origem ao livro.

A obra conta com onze capítulos organizados por fases que discorrem sobre quatro temas fundamentais: o movimento fascista, sua ideologia, a cronologia de formação e ascensão e, por fim, as políticas implementadas pelos regimes fascistas. Os títulos dos capítulos indicam de forma direta o conteúdo a ser abordado e, em geral, o autor opta por iniciá-los com os argumentos mais pertinentes para,

---

\* Mestrando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: [amsalomao@outlook.com](mailto:amsalomao@outlook.com)

depois, investigar as especificidades dos casos, o que facilita a leitura e enriquece a análise. De fato, a narrativa é um dos pontos altos, pois é objetiva, refinada e bem fundamentada, tornando o livro instigante e intrigante. O caráter informal dos registros não impede Guérin de fornecer, ao mesmo tempo, uma descrição rica do cotidiano fascista – retrato tão minucioso que nos remete às cenas do filme *Novecento*, de Bernardo Bertolucci – com uma análise sofisticada de como o movimento fascista se formou e chegou ao poder.

A tese central da obra é que o vocábulo “fascismo” designa um fenômeno de caráter universal intrinsecamente ligado ao capitalismo, portanto, nem excepcional e nem historicamente datado. Nesse sentido, o objetivo do autor é mais amplo do que fazer uma análise concreta, caso a caso, dos fascismos italiano e alemão. Para isso, Guérin destrincha o fascismo em três fases: a) a formação das milícias antioperárias patrocinadas pela indústria pesada e grandes proprietários rurais; b) a conquista do poder de Estado por meio de uma tática “legalista”, com a permissão da burguesia e dos chefes do aparelho repressivo; c) a instauração de uma ditadura de novo tipo para implementar o programa da burguesia fascista e aniquilar a esquerda. Posteriormente, tomando tais experiências como ponto de partida, mediante um procedimento comparativo que percorre tais fases, o autor identifica os traços gerais do fascismo.

O primeiro capítulo investiga a relação crucial entre grande capital e fascismo. Guérin expõe como as primeiras milícias antioperárias, embriões dos partidos fascistas, foram financiadas pelos proprietários rurais e por frações da burguesia, sobretudo os magnatas da indústria pesada e os bancos vinculados a essas atividades, visando reprimir violentamente as lutas e as reivindicações operárias. A indústria leve, no entanto, embora não tenha financiado, foi condescendente com a ação em nome do nacionalismo. Mais tarde, com a escalada fascista, o objetivo converteu-se em restaurar os lucros por meio da destruição da democracia e da instauração de uma ditadura.

Além da definição do fascismo, o livro se destaca por demonstrar que tais regimes, embora financiados por setores do capital nacional e com a benção do capitalismo internacional intimidado pelo bolchevismo, não se limitam a dóceis instrumentos nas mãos da burguesia. Mais do que isso: sua força advém de um movimento de massa apoiado por uma ideologia superficialmente anticapitalista cujo discurso por vezes preocupa o grande capital. De acordo com Guérin, as tropas fascistas são oriundas das camadas sociais intermediárias – pequena-burguesia e classe média assalariada – que, vitimadas pela evolução do capitalismo e pela crise do pós-guerra, estão materialmente ameaçadas, moralmente descontentes e revoltadas com o estado da democracia liberal. Em síntese, o fascismo consiste em ser, simultaneamente, instrumento a serviço do grande capital e levante das camadas intermediárias. Sendo assim, há uma tensão presente que, transformando-se em conflito, coloca os regimes entre conservar sua base plebeia ou atender os interesses do grande capital. A saída encontrada, quando a demagogia não é mais suficiente, é domesticar os plebeus fascistas ou depurá-los.

Tal diagnóstico é fundamental. Primeiro, porque centraliza o movimento. Via de regra, pesquisadores tendem a reduzir o fascismo ao partido ou ao líder, toda-

via, tão importante quanto esses, é o movimento com sua base de massa. Guérin discorda da visão limitada de que o fascismo consiste apenas em um terror burguês violento em resposta à ameaça proletária. Ao contrário, sustenta que o fascismo, diferentemente dos partidos tradicionais, mobiliza uma base de apoiadores com um anticapitalismo reacionário. Em segundo lugar, se o fascismo não é burguês, mas sim um movimento enraizado em classes dependentes da venda de sua força de trabalho ou diretamente envolvidas no processo, a dimensão ideológica irá refletir o conteúdo de classe. Dessa forma, o distinto lugar na estrutura de classes imprime à ideologia fascista características particulares.

A ideologia fascista, segundo Guérin, comporta uma mística salvacionista e uma retórica anticapitalista. Seu misticismo é excessivamente personalista e patriota. Canaliza a fé das massas para o culto ao homem providencial por meio de símbolos nacionais e encenações, transformando o herói em salvador da pátria. O anticapitalismo, por sua vez, é essencialmente pequeno-burguês, carregando atributos de sua posição de classe. Os privilégios de classe, a busca pela distinção do operariado e o individualismo das camadas médias delimitam seus traços: superficial, reacionário, anticomunista e nacionalista. O problema não é o capitalismo em si, mas a “plutocracia internacional”, os estrangeiros, a monopolização e a concentração da economia. Em suma, a força agitadora fascista desencadeia uma revolta anticapitalista de cunho reacionário que se nutre de anticomunismo, nacionalismo e misticismo.

Contudo, uma vez o fascismo no poder, o anticapitalismo não passou do discurso e se manteve na base, como consta nos capítulos finais. Os sindicatos operários foram destruídos e os salários achatados. As políticas econômica e agrária, por um lado, favoreceram os magnatas e os grandes proprietários rurais e, por outro lado, sacrificaram as classes médias. Nesse contexto, destaca-se o empenho de seus intelectuais em construir uma teoria que justificasse ideologicamente a ditadura, ofuscando o anticapitalismo que aborrecia a burguesia. Essa tentativa só revelou um fascismo cada vez mais reacionário, violento, anti-iluminista e elitista, portanto, negando o progresso e a razão, atacando a democracia liberal e desprezando as massas.

Convém ressaltar que a ideologia fascista, em comparação com os outros temas, é o aspecto menos profundamente investigado pelo autor, possivelmente porque analisar a dimensão ideológica de um movimento requer uma maior imersão. Por exemplo, seria proveitoso aprofundar as pesquisas sobre o nacionalismo fascista – indispensável ao movimento e marcado por um esforço de regeneração da pátria –, pois é uma das matrizes da forte mobilização popular.

De todo modo, o leitor pode estar certo de que *Fascismo e grande capital* é uma excelente contribuição para o estudo do fascismo em seu nascimento, assim como da atual extrema direita, e para a luta em defesa da política democrática. Ao longo do livro, Guérin desmistificou proposições débeis e abriu, com ideias originais e abundante material empírico, um caminho sólido para o estudo do regime, do movimento e da ideologia fascista. Cabe aos marxistas enriquecer as teses e desenvolver as lacunas deixadas por esse clássico.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A parábola de Kubrick**  
Luiz Martins

**A revolução de Vertov**  
François Albera

**O legado de Losurdo**  
João Quartim de Moraes

**PT: bases e governos**  
Ricardo Musse

**DOSSIÊ “Marxismos, feminismos, *queer*  
e sexualidades” (Parte I)**

Bárbara Castro, Maira Abreu, Gianfranco Rebutini,  
Jules Falquet e Sophie Noyé

# 48